Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Os Desafios do Uso das Tecnologias Informacionais em Rede no Ensino Superior Público em Tempos de Pandemia

Liana Silva de Araujo (UFSM)
https://orcid.org/0000-0003-3615-9155
liana-sm@hotmail.com

***Resumo**: O presente artigo versa sobre os desafios do uso das tecnologias informacionais em rede no ensino superior em tempos de pandemia. O objetivo principal é investigar os métodos de ensino digital, com base no uso de tecnologias educacionais em rede que tornam o acesso à educação possível em ambientes em que o contato presencial não pode ocorrer, bem como a problemática em um ambiente de crise sanitária e econômica em um país que enfrenta um grau de exclusão digital acentuado. Questiona-se: em que medida as metodologias de ensino de tecnologias educacionais em rede podem ser eficazes para melhor processo de ensino e de aprendizagem durante o ensino remoto? A presente pesquisa irá adotar uma abordagem dialética, partindo da tese das metodologias tradicionais em confronto com a antítese do ensino livre, plural e qualificado que as TICs permitem, de onde deverá ser extraída a síntese de que apenas o ensino em rede pode ser eficaz para reduzir a falta de acesso à educação num período de isolamento obrigatório, seja por qual motivo este exigir o mesmo. Como resultados constatou-se na presente pesquisa que as metodologias em rede possibilitam um avanço na acessibilidade, na interação e na qualidade dos educandos, descortinando aos educadores novas possibilidades, mas que exigem uma adaptação aos novos desafios.*

***Palavras-chave**: Crise Sanitária, Isolamento Obrigatório, Métodos de Ensino Digital.*

***Abstract:** This article discusses the challenges of using networked information technologies in higher education during the pandemic. The main objective is to investigate digital teaching methods based on the use of networked educational technologies that make access to education possible in environments where face-to-face contact cannot occur, as well as the problems in an environment of health and economic crisis in a country facing a high degree of digital exclusion. The question is: to what extent can teaching methodologies using networked educational technologies be effective in improving the teaching and learning process during remote teaching? This research will adopt a dialectical approach, starting from the thesis of traditional methodologies in*

confrontation with the antithesis of free, plural and qualified teaching that ICTs allow, from which the synthesis should be drawn that only networked teaching can be effective in reducing the lack of access to education during a period of mandatory isolation, for whatever reason this requires. As a result, it was found in this research that networked methodologies enable an advance in accessibility, interaction and quality of students, revealing new possibilities for educators, but which require adaptation to new challenges.

***Keywords**: Digital Teaching Methods, Health Crisis, Mandatory Isolation.*

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu da experiência obtida em uma instituição de ensino superior na qual percebeu-se todas dificuldades e entraves perante a uma situação de caos mundial devido uma epidemia. Dito isto, se resolveu desenvolver esta dissertação com a finalidade de demonstrar o quão é importante e significativo que os professores estejam afiados e alinhados com as ferramentas digitais, no intuito de não ocasionar a estagnação do trabalho em aula, tornando-o mais interessante, sem acarretar prejuízos aos alunos e, por conseguinte, não causar atrasos no processo estudantil.

Diante do cenário de incertezas vivenciadas pelas Instituições de Ensino Superior durante a pandemia da COVID-19, que necessitaram adaptar-se de maneira veloz para planejar e executar atividades administrativas, pedagógicas e dar o suporte necessário aos inúmeros alunos e professores de diversos cursos de forma remota, tendo que dar apoio e treinamento adequado, assertivo e ágil aos que até então não tinham o conhecimento imperativo, e que não estavam preparados para tal mudança ocorrida de forma brusca.

A Constituição da República estabelece que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, e deve ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, conforme estabelece em seu artigo 206 da CF. Nos últimos anos, o avanço da utilização das Novas Tecnologias Informacionais e Comunicacionais (TIC) transformaram de diversas formas as relações de trabalho, principalmente considerando a desigualdade social e informacional que infelizmente ainda aflige a sociedade educacional brasileira, inclusive os reduzidos índices de inclusão digital.

A educação não passou indiferente a tais transformações. Até o ano de 2020 a digitalização dos serviços educacionais como modalidade de ensino remoto, à qual passou a ser referida como EaD[3], vinha ocorrendo de forma mais lenta, com adaptações então existentes, convivendo com os meios tradicionais – presenciais de ensino. É notório e de conhecimento mundial que desde 2020 enfrentasse um cenário lastimável no aspecto sanitário com a propagação do Vírus Sars-Cov 2 (COVID-19).

O isolamento social surge como imposição aos governos por todo o planeta como a única medida a fim de tentar minimizar o caos que se estabeleceu. Além do aspecto

[3] É uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

sanitário, o retraimento passou a ocasionar enormes danos econômicos, orçamentários e políticos, principalmente pelo efeito reverso do mesmo: o crescimento do desemprego, queda da renda média e um número cada vez maior de pessoas sem qualquer expectativa de renda. Indo além, pode-se citar os problemas emocionais gerados entre tantas famílias pelo planeta com suas perdas mais caras: seus filhos, pais, mães, avós, irmãos, amigos como é sabido por todos.

Diante disso, o ensino remoto trouxe sérios desafios para os professores, alunos e famílias afetadas com a pandemia. Diferentes docentes não estavam preparados para o trabalho com plataformas digitais, e de igual modo, os discentes precisaram de tempo para adaptação no que tangia o momento vivenciado pela educação, fase esta que demandou por parte de muitos a aquisição de aparelhos que comportassem acessar tais plataformas. Esta aquisição gerou custos que devido ao patamar financeiro limitado de algumas famílias, também prospectou motivos de dificuldades, acarretando assim, mais um quesito a ser minimizado mediante o quadro geral caótico que se vivenciou e ainda permanece, de certa forma, devido ao dito “novo normal”.

A pandemia evidenciou as desigualdades sociais e as fragilidades do sistema educacional. Por isso, é necessário investir em formação docente para o ensino remoto, em infraestrutura tecnológica e em políticas públicas que garantam o acesso à internet e à educação de qualidade para todos. Esta migração para o ensino remoto, durante a pandemia da COVID-19, trouxe incertezas, desafios e a necessidade de uma rápida adaptação. Assim, a IES precisou reorganizar suas estruturas e processos, oferecer suporte e treinamento à comunidade acadêmica e promover a colaboração e o compartilhamento de experiências.

A catástrofe sofrida evidenciou ainda mais sobre a importância de ser resiliente e de se ter empatia. Trouxe também a certeza de que é de suma importância ter flexibilidade e deixou lições valiosas para construir um futuro mais promissor para o ensino superior. Sendo assim, é fato que a tecnologia na educação, bem como em outros segmentos tem que ser desenvolvida e atualizada constantemente, qualquer que seja o cenário.

Se ressalta que, em decorrência da pandemia de COVID-19 instalada em março de 2020, as relações de trabalho se moldaram à uma realidade tecnológica completamente distinta daquela que até então se estabelecia. Tais relações, antes regidas e imersas em um contexto industrial, tiveram que se adaptar à nova realidade impulsionada pelas tecnologias informacionais, caracterizando uma sociedade em transição para a era pós-industrial.

Nos níveis obrigatórios de ensino as aulas presenciais foram imediatamente convertidas em aulas remotas e os docentes tiveram que se reinventar rapidamente, de modo a fornecer novos estímulos para que o aluno não perdesse o interesse em face das mudanças advindas da pandemia. Para isso, a presente pesquisa irá adotar uma abordagem dialética, partindo da tese das metodologias tradicionais em confronto com a antítese do ensino livre, plural e qualificado que as TICs permitem, de onde deverá ser extraída a síntese de que apenas o ensino em rede pode ser eficaz para reduzir a falta de acesso à educação, no período de isolamento.

Como procedimentos, serão utilizadas a pesquisa bibliográfica, com revisão de publicações científicas relacionadas ao tema, bem como a análise documental, essencialmente das disposições das referidas tratativas. As técnicas de pesquisa utilizadas foram fichamentos e resumos da literatura analisada.

Por fim, o interesse pessoal e científico por esta temática surge por duas razões

principais: inicialmente, pela predileção por temáticas que envolvem as tecnologias educacionais em rede; e, em segundo lugar, pela experiência prática de auxiliar um docente do curso de direito, que atuou por 50 anos como docente titular do curso e que, subitamente, se viu obrigado a utilizar as TICs para ministrar suas aulas de forma remota. As dificuldades técnicas enfrentadas o levaram à aposentadoria, um dos motivos sendo a saudade da vivência e da troca de experiências com os alunos no ambiente educacional presencial.

2 OS LIMITES DAS METODOLOGIAS TRADICIONAIS PRESENCIAIS PARA A APLICAÇÃO DO ENSINO REMOTO EM TEMPOS PANDÊMICOS.

O presente capítulo pretende estabelecer os cenários onde a problemática desta pesquisa se insere, trazendo uma íntima interligação entre as metodologias de ensino tradicional e as formas de ensino remoto, mediado pelas tecnologias educacionais, promovendo importantes transformações entre docentes e discentes.

Inicialmente, cumpre destacar que será realizada uma breve conceituação da educação tradicional, para somente após adentrar na temática das metodologias diferenciadas no uso de tecnologias educacionais em rede.

A metodologia tradicional, centrada na transmissão passiva e reta de informações pelo professor ao aluno e na assimilação mecânica dos conteúdos, restringe a interação e a construção autônoma do conhecimento pelos alunos, pois essa metodologia tornou-se convencional e ultrapassada para a atualidade.

A vasta gama de informações e a rapidez com que elas se tornaram disponíveis exigem, de forma acentuada, uma revisão da forma de ensino, direcionando-a para um modelo mais informal. É necessário que o professor conceda voz ao aluno. Interagir tornou-se primordial para o melhor desempenho dos mesmos, bem como surtir um ensino mais dinâmico.

No ensino remoto, a abordagem convencional demonstrou-se ainda mais ineficaz, dificultando a adaptação ao ambiente virtual e a personalização da aprendizagem, além de atrapalhar o intercâmbio entre docente e discente. Diante disto, é fundamental que o ensino remoto seja cativante aos alunos, proporcionando assim o interesse, curiosidade e desperte o sentimento de valorização nos mesmos, proporcionando fidelidade e veemência no aprendizado nesta nova modalidade. O mesmo conceito é válido ao professor, que por sua vez tem de se atualizar constantemente e dominar a forma de ensino via plataforma.

O sistema educacional tradicional no Brasil, antes da pandemia do novo Coronavírus, caracterizava-se por um modelo pedagógico predominantemente presencial. Cabia ao docente a tarefa de desenvolver os conteúdos programáticos e mensurar o aprendizado dos alunos através de aulas expositivas e avaliações. Essa visão pedagógica partia do pressuposto de que o professor, dono do saber, o transferia aos alunos de forma vertical.

Como afirma Pablo Jimenez Serrano (2017, p. 166):

> A Educação há de ser vista como condição para a concretização de direitos e da Cidadania. Urge, portanto, um novo projeto (chame-se de programa ou plano) educacional: por uma Educação emancipadora. As-

> sim, insistimos: perante a evidente crise da Educação contemporânea, ressurge a falta de um modelo universal que viabilize (torne possível) a emancipação (a liberdade: veja-se Declaração Universal dos Direitos do Homem, 1948) do ser humano.

No modelo de ensino tradicional, o educador tem como funções principais elaborar os planos de ensino e criar instrumentos de avaliações, tais como provas e trabalhos. Essa abordagem pedagógica era pautada na ideia de que o professor, detentor do conhecimento, o repassava aos alunos em uma relação hierárquica.

Tendo o professor o direito absoluto do saber, do ensinar, do afirmar. Todavia, esta maneira de imposição não mais se adapta. O ensino atualmente exige debates, abertura para opiniões, discordâncias, questionamentos por parte dos discentes, no intuito de conquista-los, instituir à vontade em adquirir mais conhecimentos e por conseguinte instigar a persistência em busca da ampliação do saber motivada por curiosidade própria. Como pontua Edgar Morin (2000.p.31):

> Daí decorre a necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer. Pôr em prática essas interrogações constitui o oxigênio de qualquer proposta de conhecimento. Assim como o oxigênio matava os seres vivos primitivos até que a vida utilizasse esse corruptor como desintoxicante, da mesma forma a incerteza, que mata o conhecimento simplista, é o desintoxicante do conhecimento complexo.

Edgar Morin, em seu trecho, destaca a crucialidade de questionar as próprias certezas e a natureza do conhecimento no âmbito educacional, defendendo que a educação deve estimular a reflexão crítica e a busca por respostas para as grandes interrogações que permeiam a existência.

O autor, convida a repensar o papel da educação na era da informação. Ele defende uma educação que não se limita apenas na transmissão de conhecimentos, mas que estimula a reflexão crítica, a busca por respostas e a construção de um saber complexo e contextualizado.

A visão de Morin é particularmente relevante no contexto da sociedade atual, que se vê abalizada por um fluxo constante de informações e a proliferação de *fake news*[4]. A educação, nesse panorama, precisa empoderar os indivíduos para que se tornem cidadãos críticos e autônomos, capazes de discernir o verdadeiro do falso e construir uma visão de mundo complexa e contextualizada.

De acordo com a citação do já referido autor, pode-se compreender perfeitamente o quão necessário se faz instituir o pensamento assertivo dos estudantes no que tange a investigação. Constituir nos mesmos a conscientização de que a inquirição sobre o que se ouve, o que é lido no mundo digital deve ser minuciosamente averiguado, a fim de ter-se a absoluta certeza que a fonte das informações é segura, correta e fidedigna, eliminando assim a propagação de notícias errôneas, que podem ao ser divulgadas causar constrangimento, inverdades e acarretar consequências graves.

Neste sentido, as metodologias de ensino tradicionais são focadas na figura do professor como o único responsável por transmitir o conhecimento de forma passiva aos

[4] Termo em inglês que significa: informação falsa que é transmitida ou publicada como notícia, motivada por razões políticas ou para fins fraudulentos.

alunos, esse abalroamento delimita a interação e a participação dos alunos, frustrando o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, comunicação e trabalho em equipe. Nas palavras de Saviani (1991, p.18):

> O ensino tradicional pretende transmitir os conhecimentos, isto é, os conteúdos a serem ensinados por esse paradigma seriam previamente compendiados, sistematizados e incorporados ao acervo cultural da humanidade. Dessa forma, é o professor que domina os conteúdos logicamente organizados e estruturados para serem transmitidos aos alunos. A ênfase do ensino tradicional, portanto, está na transmissão dos conhecimentos.

A essência do ensino tradicional, segundo Saviani, reside na ambição de transmitir conhecimentos pré-existentes, compilados, organizados e incorporados ao patrimônio cultural da humanidade. Nessa perspectiva, o professor assume o papel de guardião desse saber estruturado, incumbido de repassá-lo aos alunos de forma metódica e sequencial.

De acordo com Lyotard (1984, p.122):

> a ideia tradicional de que a aquisição de conhecimento treina a mente se tornará obsoleta, como se tornará a ideia de conhecimento como um conjunto de verdades universais. Em vez disso, haverá muitas verdades, muitos conhecimentos e muitas formas de razão. Como resultado [...] as fronteiras entre as disciplinas tradicionais são dissolvidas, os métodos tradicionais de representação do conhecimento (livros, trabalhos acadêmicos e assim por diante) estão se tornando menos importantes, e o papel de professores e especialistas tradicionais está sofrendo grandes mudanças.

Para que a aprendizagem não seja meramente mecânica, cabe ao professor propor tarefas, exercícios, resolução de casos (para a sala, a ser aplicada no final do encontro ou tão logo seja concluído aquele ponto em estudo). Ao invés de se limitar à transmissão passiva de informações, o professor assume o papel de facilitador, provocando a reflexão crítica e o desenvolvimento de habilidades nos alunos.

Nas palavras de Paulo Freire (1997, p. 108) “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro entre sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

O ensino tradicional tem o papel de auxiliar a construção e consolidação de uma sociedade democrática:

> O direito de todos à educação decorria do tipo de sociedade correspondente aos interesses da nova classe que se consolidara no poder: a burguesia... Para superar a situação de opressão, própria do “Antigo Regime”, e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado “livremente” entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância. (Saviani, 1991. p. 18).

Em outros termos, a escola não deve se limitar à mera transmissão de conhecimento, mas sim preparar os alunos para serem agentes ativos na sociedade, capazes de aplicar seus conhecimentos de forma crítica e criativa para solucionar problemas e con-

tribuir para o bem-estar coletivo.

Dito isto, a escola tem obrigação de transformar o aluno em um ser pensante e formador de opinião e não apenas um mero espectador que recebe tudo mitigado. Esta transformação deve ser gradual, contudo, além de necessária e urgente. O tempo para este feito deverá ser acelerado no escopo de conquistar tal mudança imposta de forma implícita pela rapidez de acontecimentos e aceleração de informações que cada vez são mais voláteis, a fim de atingir os objetivos de crescimento deste ser, que é o discente. As metodologias tradicionais de ensino partem da visão conservadora do ensino. Segundo Luckesi (1999, p. 154):

> A Pedagogia tradicional centra os procedimentos de ensino na exposição dos conhecimentos pelo professor; geralmente, exposição oral. A proposta metodológica da Pedagogia tradicional é dirigir o educando para a sua formação intelectual e moral, tendo em vista, no futuro, assumir a sua posição individual na sociedade, de acordo com os ditames dessa sociedade. Para traduzir essa perspectiva metodológica, o direcionamento autoritário da formação do educando é fundamental e os procedimentos de exposição oral dos conteúdos e a exortação moral são os meios disponíveis mais eficientes para cumprir tais ditames.

Em outras palavras, embora a Pedagogia Tradicional tenha marcado um período histórico na educação, suas práticas e princípios se distanciam das concepções educacionais mais modernas e eficazes. A busca por metodologias ativas, centradas no aluno e que promovam o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e cognitivas tornam-se cada vez mais relevantes para a formação de indivíduos preparados para os desafios do mundo contemporâneo. Nesse sentido, Paulo Freire (2011, p.20) refere que:

> ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.

Segundo o autor, o ato de ensinar vai além da simples entrega de informações. É uma jornada de criação mútua, onde educador e educando se moldam de forma recíproca. Complementarmente, nas palavras de Paulo Freire (2019, p.74):

> O termo “metodologias ativas” comunica uma ideia positiva, qual seja, de considerar educando como sujeito ativo, superando uma educação transmissiva, ainda presente em instituições de ensino e práticas docentes que colocam os estudantes na condição de passividade.

Sendo assim, percebe-se já obsoletas as antigas metodologias de ensino, onde o professor ditava e ordenava aos seus “súditos”, que calavam e aceitavam. Este preceito não se encaixa na atualidade e, num futuro não longínquo, com o crescimento do ensino flexibilizado, se fará ainda mais arcaica essa caracterização de ensinar. Prima-se, por conseguinte, educar edificando formadores de opiniões, seguros e éticos, objetivo que só se manterá alcançável a partir da integração multidisciplinar das novas ferramentas

disponíveis no meio digital.

O autor defende, também, a ideia de que: “Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar” (Freire, 2011, p.21). Assim sendo, é positivo dizer que o docente, além de ensinar os discentes, também aprende com eles, uma vez que o processo de ensino se mantém como constante aprendizado ao exigir frequentes adaptações e inovações.

O maior desafio dos docentes é alavancar a motivação aos alunos à distância, ou seja, de maneira remota. Atraí-los a participar das aulas através das plataformas de ensino tornou-se um desafio diário. O tempo para os professores se adaptarem, para ir em busca de novas estratégias de ensino e recursos para fazer com o que o aluno queira aprender foi escasso e demandou de artimanhas, desenvoltura e agilidade ímpar de todos docentes a fim de fazer funcionar este objetivo do ensino remoto. A grande incógnita é: como manter os alunos motivados com o ensino remoto?

Como afirma Pierre Bourdieu (2014, p.133), é dever da escola oferecer a todos os alunos uma tecnologia de trabalho intelectual e, mais genericamente, inculcar-lhes métodos racionais de trabalho (como a arte de escolher entre as tarefas obrigatórias ou de distribuí-las no tempo) será uma maneira de contribuir para reduzir as desigualdades ligadas à herança cultural.

Desta forma, fica explícito que o ensino não finda ao término ou conclusão da etapa sala de aula ou acesso remoto. Ele prossegue na vida dos alunos tornando-os pessoas de caráter capaz de opinar com gabarito sobre assuntos diversos. Porquanto dentro do período de convívio com os docentes, os mesmos adquirem conhecimentos além do conteúdo exigido. Isto se dá por meio da interação com colegas de culturas diferentes, assuntos diversos, leituras adequadas ou livres, que os capacita para seguir irradiando para demais pessoas, e, inclusive no ambiente laborativo. Nas palavras de Paulo Freire (2011, p.37):

> Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheia, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica. Não é possível também formação docente indiferente à boniteza e à decência que estar no mundo, com o mundo e com os outros substantivamente exige de nós. Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético, permita-se-me a repetição.

Ademais, afirma “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2011, p.40). O autor, assevera que o ato de ensinar não se resume à mera transmissão de conhecimentos. Ao invés disso, o educador deve criar um ambiente propício para que o aluno construa seu próprio saber, produzindo-o de forma autônoma e significativa.

> Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho — a de ensinar e não a de transferir conhecimento. É preciso insistir: este saber necessário ao professor — de que ensinar não é transferir conhecimento — não apenas precisa ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser — ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica —, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido.

Logo, é perceptível a necessidade de mudanças tecnológicas que abarquem as necessidades impostas mediante a velocidade de informações serem constantes, bem como as impostas por outros fatores significativos e de suma relevância, como a pandemia da COVID-19.

A pandemia da COVID-19 acelerou a necessidade de repensar o modelo educacional tradicional, exigindo dos professores a busca por novas metodologias e ferramentas pedagógicas que atendessem às demandas da era digital. O ensino remoto, mesmo com seus desafios, oferece oportunidades para repensar práticas educativas e construir um futuro mais inovador e engajador para a aprendizagem.

Para tanto, faz-se necessário promover uma reflexão sobre as novas possibilidades metodológicas vivenciadas atualmente pelo ensino superior. Ainda, importante referir que as transformações ocorridas no âmbito das relações de trabalho, por consequência no meio educacional, tais como o avanço na utilização do ambiente virtual de aprendizado *Moodle*[5], trouxeram inovações no tocante à profissionalização dos docentes do ensino superior.

3 IN(EFICIÊNCIA) DAS METODOLOGIAS TRADICIONAIS PRESENCIAIS NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Compreendidas as questões relacionadas as metodologias educacionais tradicionais, inicia-se assim, a abordagem sobre a pandemia da COVID-19, que impôs um choque abrupto no sistema educacional, exigindo uma rápida adaptação ao ensino remoto. Essa mudança repentina evidenciou os limites das metodologias tradicionais presenciais e sua ineficiência para atender às demandas da nova realidade, isto é, notabiliza a necessidade de repensar o modelo educacional, buscando uma integração entre as metodologias presenciais e remotas, aproveitando as vantagens de cada uma. O ensino híbrido surge como uma alternativa promissora para o futuro da educação, combinando o melhor dos dois mundos.

Para se compreender melhor as transformações vivenciadas pela educação no contexto pandêmico, torna-se fundamental recorrer às reflexões de Bauman (2009, p.661), quando contrasta o estágio atual da humanidade denominado de líquido, com o anterior, denominado de sólido. Para ele, o estágio sólido corresponde a um período em que a durabilidade era a lógica, e os conhecimentos adquiridos pelo sujeito davam su-

[5] Segundo Martin Dougiamas, *Moodle* significa: Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (*MOODLE*), é um sistema de administração de atividades educacionais destinado à criação de comunidades online, em ambientes virtuais voltados para a aprendizagem colaborativa.

porte à resolução de problemas pelo resto da vida.

Por outro lado, o estágio líquido é, segundo Bauman (2009, p.611), a condição sócio-histórica da contemporaneidade, e é caracterizado pela fluidez e incerteza, em que a imprevisibilidade é a palavra de ordem. Nesse contexto de impermanência, situa-se a educação contemporânea e, mais precisamente, a escola, com seus processos, com os sujeitos que a constituem, com as relações docente-estudante-conhecimento e com as práticas docentes.

Como se observa das palavras acima, através da análise da educação na "modernidade líquida" descrita por Bauman, que convida a reexaminar os objetivos, as metodologias e a função da escola na era atual. A educação necessita de transformações profundas para atender às exigências do mundo moderno, formando indivíduos autônomos, perspicazes, inovadores e comprometidos com a construção de um futuro mais equitativo e sustentável. A pandemia global serviu como um divisor de águas, expondo de forma inequívoca a dualidade entre o estado sólido e líquido. Uma catástrofe de nível mundial nunca pensada, que obrigou o planeta a modificar todo seu sistema de educação, trabalho, cultura, higiene, alimentação e diversão.

Incertezas serão cada vez mais acentuadas no mundo, o que se deve ao descaso com o aquecimento global, desmatamento, poluição de rios, nascentes e do mar, caças abusivas, pescas ilegais, destruição e morte de corais que afetam todo o ecossistema marinho e, por consequência afetam todo o planeta. Dito isto, fica claro e ainda mais evidente que o ensino remoto é imprescindível e tem de ser atualizado constantemente evidenciando melhorias para suprir as carências que irão surgir com a demanda crescente neste setor.

As plataformas remotas tem tanta significância que inclusive foram utilizadas na fração laborativa em quase todos os campos de trabalho, o que permitiu não estagnar a economia, ainda que por tempo incerto, que, mesmo sendo afetada, pôde minimizar os efeitos negativos com o uso das plataformas remotas. Essa estratégia, por sua vez, alcançou todos os segmentos, com exceção de alguns profissionais, como os da área da saúde, que não tiveram o isolamento por ser um trabalho considerado essencial, necessário e com a impossibilidade de ser feito fora do campo de atuação, evitando inclusive demissões em massa.

O ensino em rede não se apresenta como uma solução mágica para todos os desafios da educação na "modernidade líquida". No entanto, ele oferece ferramentas valiosas para repensarmos os objetivos, as metodologias e o papel da escola na sociedade contemporânea. Nesse contexto, o *Moodle* surge como um sistema de gerenciamento de aprendizagem (LMS) de código aberto, utilizado para criar e gerenciar cursos online. Esta ferramenta já era utilizada pelas IES antes da pandemia, mas de forma eventual.

Diante da emergência sanitária global decorrentes da COVID 19, o uso da plataforma foi de vital importância para dar continuidade ao processo educativo nas IES. Sobre as mudanças que a pandemia teve necessidade de aplicar de maneira imediata e sua sugerida integração permanente no cotidiano após sua superação, Edgar Morin (2020, p.42) traz em seu livro “É hora de mudarmos de via – as lições do coronavírus”:

> O verdadeiro realismo sabe que o presente é um momento num devir. Tenta detectar os sinais, sempre fracos de início, que anunciam transformações. [...] O verdadeiro realismo de 2020 é não voltar à aparente normalidade anterior, mas reformar a política, o Estado, a civilização.

> Quando a sociedade está em transformação, esse realismo trivial não quer nem pode pensar em transformar essa transformação.

O autor também, ressalta a mudança de atitude necessária que essa crise mundial despertou:

> As deficiências de reflexão que notamos nas lições anteriores revelam em nossa mente o enorme buraco negro que torna invisíveis as complexidades da realidade. Esse buraco negro revela, mais uma vez, as fraquezas do modo de conhecimento que nos foi inculcado: ele nos faz dissociar o que é inseparável e reduzir a um único elemento o que constitui um todo ao mesmo tempo uno e múltiplo; separa e compartimenta os saberes em vez de os ligar; limita-se a prever o provável enquanto o inesperado surge incessantemente. É inadequado para apreendermos as complexidades. [...] As insuficiências e carências de conhecimento e pensamento durante a crise confirmam que precisamos de um modo de conhecimento e pensamento capaz de responder aos desafios das complexidades e aos desafios das incertezas. Não podemos conhecer o imprevisível, mas podemos prever sua eventualidade. Não devemos nos fiar nas probabilidades nem esquecer que todo acontecimento histórico transformador é imprevisto" (Morin, 2020, p.70-71).

Em linhas gerais, o surgimento das novas tecnologias de comunicação e informação TICs ocasionaram importantes transformações. A sociedade vive tempos de mudanças e de celeridade, onde as informações são transmitidas e processadas de maneira veloz. Tudo que transita no mundo virtual se torna obsoleto muito rápido, exigindo dedicação, atualização e estudo dos docentes, a fim de manter-se sempre modernos e interativos junto aos alunos. Assim sendo, a sociedade informacional para Castells (2003, p. 65), pode ser definida como a característica ou atributo:

> [...] de uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas nesse período histórico.

As trocas realizadas por intermédio do ambiente virtual de aprendizagem (*Moodle*) transformaram as relações entre os sujeitos. Entre estas transformações tem-se o que ocorreu com as comunidades virtuais. Este sistema oferece diversas ferramentas que facilitam a construção de comunidades virtuais promovendo a, colaboração e a troca de conhecimentos entre os participantes. As interações realizadas na plataforma podem gerar múltiplos impactos positivos nas comunidades virtuais, a promoção da colaboração, o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem ativo e a redução da deserção escolar. No entanto, a construção de comunidades virtuais fortes e engajadas exige esforço, dedicação, interesse e planejamento por parte dos professores.

Sobre essa delicada construção de comunidades virtuais, Castells (2003, p. 98), afirma:

> A emergência da Internet como um novo meio de comunicação esteve associada a afirmações conflitantes sobre a ascensão de novos padrões

> de interação social. Por um lado [...] ela foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade. Por outro lado [...] alguns sustentam que a difusão da Internet está conduzindo ao isolamento social, a um colapso da comunicação social e da vida familiar, na medida em que indivíduos sem face praticam uma sociabilidade aleatória, abandonando ao mesmo tempo interações face a face em um ambiente real.

Para a compreensão desta questão, é essencial uma análise estrutural da arquitetura da rede de internet. Quanto a esta estrutura, Peck (2002, p. 14) afirma que ela "consiste na interligação de milhares de redes de computadores no mundo inteiro, através de protocolos IP (abreviação de *Internet Protocol*), ou seja, essa interligação é possível porque utiliza um mesmo padrão de transmissão de dados". Castells (2003, p. 65) trata do tema específico da Internet, trabalhando com ela como um meio de comunicação que alterou profundamente as relações sociais na atualidade, mais especificamente no âmbito educacional.

Nas últimas décadas do século XX, o avanço das novas tecnologias de comunicação e informação, TICs, ocasionaram formidáveis variações entre os indivíduos e os atores no ambiente educacional. As TICs trouxeram uma série de mudanças significativas no ambiente educacional, afetando tanto os alunos quanto os professores, e alterando profundamente a forma como o ensino e a aprendizagem se desenvolvem.

Resgatando Manuel Castells, "As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais" (Castells, 2003, p. 57). Sendo assim, ilustra-se o papel crucial das tecnologias da informação na integração completa, criando redes globais de instrumentalidade e comunidades virtuais que transcendem as fronteiras físicas.

Essa transformação profunda traz consigo desafios e oportunidades, exigindo reflexão crítica e uso responsável das ferramentas digitais para construir um futuro promissor para todos. O avanço, apesar disso, chega de forma relativamente atrasada, visto o acelerado adiantamento e desenvolvimento da evolução digital acelerada, como constata Domenico de Masi (2001, P.12):

> Por ora, porém, a organização social não consegue acompanhar o progresso tecnológico: as máquinas mudam muito mais velozmente do que os hábitos, as mentalidades e as normas. Precisaria redistribuir equitativamente a riqueza (que aumenta) e o trabalho (que diminui); entretanto, alarga-se a distância entre alguns que trabalham e ganham cada vez mais e outros que são forçados à inércia e à miséria.

Em um mundo em constante transformação tecnológica, onde inovações surgem a cada dia, a disparidade entre o ritmo de aprendizado e o ritmo de desenvolvimento tecnológico se torna cada vez mais evidente. Enquanto a tecnologia avança a passos largos, moldando a forma como vivemos, trabalhamos e nos comunicamos, a nossa capacidade de assimilar e nos adaptar a essas mudanças parece andar a passos lentos.

É inegável a influência que o período de pandemia terá na educação, e gritante o despreparo inicial da grande maioria dos educadores ao depararem-se com a repentina necessidade de aprendizado de programas e aplicativos que, apesar de já estarem à sua

disposição, a inércia da rotina impediu de apropriarem-se, apesar da crescente globalização e do contínuo aumento da dependência dos celulares e demais eletrônicos no cotidiano brasileiro. Em consonância a esse ponto, no livro "Paulo Freire: O Projeto e os seus Princípios", Wesley Dourado (2022, p.26) ressalta, baseado na obra de Paulo Freire:

> Numa prática educacional comprometida com a libertação a palavra se faz diálogo, um movimento permanente de ideias, de conhecimentos, de sentimentos que servem ao propósito de oferecer aos educandos e aos educadores a possibilidade de se constituírem como sujeitos na experiência de aprender. Por isso a organização educacional na qual o educador tem o privilégio da palavra, é a fonte única da narração, não colabora para o cultivo de uma ação educativa libertadora posto que sequestra a palavra ou o direito à palavra dos educandos. E também, porque pressupõe uma condição passiva, quase coisificada dos educandos: eles são destinatários de um conhecimento ao qual só terão acesso se ouvirem, passivos, a narração conduzida pelo educador.

A utilização destas inúmeras ferramentas positivas serve para aprimorar e facilitar o convívio virtual que ultrapassa fronteiras. Entretanto, deve-se ter o entendimento e responsabilidade na disseminação de quaisquer textos, imagens, áudios e afins, no intuito de não acometer prejuízos pessoais ou profissionais a outrem, bem como causar constrangimento, uma vez que o rápido compartilhamento de *fake news* tem se apresentado como novo desafio da era digitalizada.

Logo, partindo dessa premissa, o docente também tem este legado de, além do ato de ensinar e transmitir conteúdos didáticos, catequizar seus discípulos no que tange a ética e ao cumprimento das boas maneiras virtuais, esclarecendo, inclusive, sobre leis existentes para a regularização desse meio, de modo a sanar os crimes neste ambiente. É o ato de educar não somente a mente, mas o indivíduo-cidadão como um todo.

A atualização defendida segue o importante posicionamento exprimido por Domenico de Masi (2001, p.263) em sua conclusão do livro "O Futuro de Trabalho", em capítulo intitulado "A coragem de recomeçar", quanto à importância de repensar a realização do trabalho com o avançar do tempo:

> Quanto mais a organização tem necessidade de criatividade para corresponder prontamente aos valores emergentes do sistema social, mais deve dispor de pessoas motivadas. Mas quanto mais a organização fica ligada aos velhos métodos organizativos baseados no controle, mais provoca efeitos desmotivadores e cria barreiras à criatividade, mesmo quando há maior necessidade de estar ativa. As organizações, tal como são, servem ainda para alguma coisa? Ainda contribuem para o nosso bem-estar e a nossa felicidade? A maioria dos textos de ciência organizativa passa por cima dessas questões dando como certo que as organizações sirvam de qualquer maneira e que todos concordem com a sua indiscutível utilidade.

O trecho apresentado já resume sua pertinência em seu subtítulo, "um caminho óbvio, portanto difícil". A necessidade de inovar na educação superior, em um contexto industrial marcado por conflitos gerados pelo avanço das novas tecnologias informacionais, impulsionou a transição para uma sociedade pós-industrial e informacional. Essa transição foi acelerada pela pandemia, tornando o uso de tecnologias educacionais em

rede uma prática habitual no meio acadêmico, consolidando-se como ferramenta essencial para manter o ensino sem prejuízos aos discentes afiançando a segurança de todos no período de isolamento social.

Ainda sobre a adaptação ao novo desafio, pouco familiar a muitos discentes e, com frequência, evitado, pode-se evocar a metáfora explicada pelo mesmo autor, ao comparar "O Mito de Sísifo", escrito por Albert Camus em 1941, com o desenvolvimento da industrialização e seu impacto no trabalho que retrata em seu livro:

> Sísifo – como Prometeu ou Odisseu – cometeu o pecado de transpor as colunas de Hércules do conhecimento, amar a vida, competir com os deuses. Pela mitologia, sabemos que ele revelou aos homens os segredos divinos, ousou acorrentar a morte, nutriu uma arrasadora paixão pela beleza da existência e recusou-se a voltar ao Hades. Aos olhos dos gregos, aterrorizados pelo progresso tecnológico, um herói tecnologicamente avançado e intelectualmente refinado como Sísifo deveria parecer abominável e perigoso. Daí a pedagógica punição – aparentemente rude e totalmente encerrada em uma dolorosa materialidade" (Masi, 1999, p.268).

Está-se diante, portanto, de uma importante alteração do meio ambiente de trabalho que, inevitavelmente, encontra-se em um processo de transição, tendo em vista que o direito educacional precisa adequar-se às novas relações de trabalho, surgidas do avanço das novas tecnologias, conforme explicita Maria Helena Diniz: "a inter-relação entre o "Direito na Internet tem grande relevância na atualidade, não só pela sua complexidade, como também pela riqueza de seu conteúdo técnico-científico e pelo fato de não estar, normativa e doutrinariamente bem estruturada" (Diniz, 2000, p. 19).

O direito educacional urge adaptação à essa nova realidade, garantindo que a educação prepare as pessoas para os desafios do futuro. Investir em educação de qualidade e relevante é eficaz para construir um futuro promissor para todos. Paulo Freire, ao discorrer sobre a tecnologia, afirma que "nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro" (Freire, 2011, p70).

Entende-se com essa afirmação do autor Paulo Freire, que o mesmo ainda que de maneira simplória e intimista, sabia que a tecnologia chegaria num patamar de domínio de todos e fundamental para gerir todos os segmentos viventes na educação, cultura, trabalho e pesquisa. A exemplo disso, pode-se observar as casas ditas tecnológicas, que por meio de comando de voz, ou pelo *smartphone,* dá-se o comando a distância para ligar luzes, ar condicionado, abrir garagem entre outros.

Tem-se que assentir o quão grandemente a tecnologia está intrínseca na vida de quase toda população, excluindo de certa forma a população de baixa renda. Que mesmo não dispondo de inúmeras facilidades, ainda tem certo alcance.

Ao preparar os indivíduos para os desafios do futuro do trabalho, a educação contribui para o desenvolvimento cultural, social e econômico do país. Ratificando este entendimento, Paulo Freire (1991, p.126) afirma que:

> Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma

> coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos.

A instituição de ensino ostenta um papel determinante na edificação de uma sociedade mais justa e equilibrada. No entanto, para alcançar esse ideal, é fundamental reconhecer as limitações inerentes ao ensino e buscar a colaboração sinérgica com outros setores da sociedade. Através de uma educação reflexiva e emancipadora, o ensino superior pode despenhar um papel crucial na formação de indivíduos conscientes e engajados na luta por um mundo mais equânime e promissor para todos. Desse modo, partindo-se da perspectiva no contexto educacional atual, observa-se uma dicotomia entre as metodologias de ensino tradicionais e as novas modalidades de ensino remoto, mediados pelas ferramentas tecnológicas. Essa ruptura paradigmática impulsiona profundas transformações tanto para os educadores quanto para os estudantes.

Ao promover a diversidade de abordagens, o ensino online, a gamificação, a aprendizagem colaborativa e a resolução de problemas às novas metodologias contribuem para a construção de um futuro mais promissor para a educação, traçando um panorama para o futuro da educação, onde o ensino híbrido e a inovação constante se configuram como chaves para o sucesso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar, sem dúvidas, que as TICs são um instrumento inovador que possuem grande relevância no mundo educacional perante a mudança do paradigma educativo por meio do ambiente virtual de aprendizado que proporcionam. Independente da frequência ou proporção de seu uso, já fazem parte do contexto do aprendizado há muito tempo, porém progressivamente se desenvolvem e aumentam o seu papel e diferencial, inegavelmente estabelecendo-se como ferramenta crucial.

Prova de sua indispensabilidade surgiu diante do contexto de crise. Diversas universidades no mundo migraram das aulas presenciais para os ambientes virtuais de aprendizagem, inclusive com atividades domiciliares, passando a utiizar da plataforma Moodle, entre outras tecnologias digitais. É importante lembrar que as aulas teóricas poderão ser reforçadas pelas tecnologias desenvolvidas quando a liberação ao retorno às atividades presenciais - aulas, estágios, atividades práticas, for oficialmente liberado, visto a mudança repentina e, em muitos casos, sem preparo anterior, que passou a ser necessária.

Na modalidade online, cada docente trabalha com sua metodologia de ensino de aprendizagem mediante tecnologias disponibilizadas pela Instituição de Ensino Superior (IES), sempre que possível.

Outra questão chave do rompimento brusco das aulas presenciais foi a rápida necessidade de adotar o que estivesse disponível a cada nível de ensino como um novo padrão, o que, na tentativa de normalizar e manter a sequência já iniciada de conteúdos, acabou por apressar o uso de ferramentas de terceiros ou que não fossem as ideais para cada caso. Consecutivamente ocasionando, por vezes, um sequencial de mudanças através das quais buscava-se pela melhor “solução” à inabilidade de convivência.

Desde o ano de 2020, o mundo se viu diante de um momento único até então, contendo problemas sanitários de proporções épicas, marcado pela disseminação do

vírus Sars-Cov-2 (COVID-19). Como medida crucial para conter a proliferação da doença, o isolamento social se tornou uma imposição para todos. Essa medida, embora essencial para a saúde pública, teve um impacto devastador na educação, gerando diversos desafios com a interrupção abrupta do ensino presencial e as dificuldades de adaptação ao ensino remoto.

Tendo em vista que nem todos os alunos e professores estavam preparados para o ensino não presencial, acabou acarretando alguns transtornos, envolvendo a adaptação à nova realidade, gerando a desmotivação pelo ensino remoto e dificuldades de aprendizagem. Isso tudo, associado com os problemas socioeconômicos envolvidos e causados pela pandemia, levaram ao contraproducente aumento da evasão escolar. Óbice inadmissível de ser considerado, visto que a realidade do país já enfrenta grande dificuldade no acesso à educação por diversas camadas da sociedade.

Diante do caos enfrentado mundialmente, as plataformas digitais utilizadas no ambiente universitário foram fundamentais para que a comunidade estudantil e de professores obtivessem sucesso. Ainda que o percurso tenha se demonstrado cheio de percalços, mediante desafios inusitados e altamente catastróficos que o planeta se acometeu, minimizando de forma máxima os danos colaterais que poderiam ter acontecido caso não tivessem o aparato das plataformas remotas e o suporte adequado das instituições nesse período de crise múltipla: de saúde, de educação, economia e social.

De forma semelhante, a pandemia apresentou desafios sem precedentes, mas também abriu oportunidades para se repensar a educação e construir uma sociedade mais justa e igualitária. Não foi à toa que o período despertou o olhar do público para inúmeros problemas já vividos, evidenciados durante um período em que se dependia do acompanhamento diário das notícias para informar-se quanto à segurança própria dentro e fora de casa: protestou-se por melhores condições trabalhistas, por conflitos políticos, pela demora de medidas de proteção a serem adotadas contra o vírus, pelo acesso às vacinas, por igualdade racial, pela redução da violência, dentre inúmeras outras questões. Este olhar de protesto e repensar deve voltar-se, agora, à educação.

A qualificação dos docentes implica, obrigatoriamente, na qualificação dos discentes, e na possibilidade de acesso de ambos os grupos à mudança e ao aprendizado. Não basta a adoção de ferramentas como somente temporárias quando as mesmas oferecem maior flexibilidade, muito menos seu descarte quando a globalização do acesso à internet também pode significar risco para leigos, como por exemplo a disseminação de fake News. Quando estes não tiveram a oportunidade de ter acesso a uma educação de qualidade que formasse senso crítico capaz de auxiliá-los em diferenciar armadilha de informação verdadeira.

É papel do professor a formação completa dos indivíduos, e é inegável o processo de digitalização em andamento. Reforça-se o diferencial que as ferramentas digitais oferecem à evolução dos métodos de ensino, que indispensavelmente devem acompanhar o processo e adaptar-se. A integração dos métodos possibilita não só o ensino à distância, mas um aumento da facilidade de seu acesso quando barreiras físicas de distância e outras questões econômicas, como o custo de nova moradia ou deslocamento, são eliminadas.

Não obstante, tomando sua aplicação em cursos de ensino superior, como exemplo, ainda que o ensino presencial seja importante em diversos cursos, a citar os da área da saúde, devido à maior periculosidade e tratamento direto com pacientes envolvido, não mais faz-se a detenção do ensino como estrutura engessada, fixa, a ser sempre

aplicada da mesma forma. Evidencia-se a maleabilidade e as diferentes particularidades de cada caso, e de cada matéria, uma vez que, mesmo na área citada como exemplo, nada impede que a carga teórica, inicial e que não possui aplicação direta imediata, possa ser ofertada online, através de roteiro pré-programado e coordenado para sua compatibilização com o andamento das demais disciplinas.

Em suma, resistir à adaptação à digitalização apresenta-se apenas como perigoso, impedimento do avanço do ensino, assim como de sua evolução e, consequentemente, como potencial agravante da evasão escolar. Sobretudo nos casos de falta de investimentos na qualificação dos discentes para apropriarem-se desse meio. As TICs provaram-se hábeis ferramentas de ensino, múltiplas e multifacetadas, e o crescente número de cursos disponibilizados à distância pelas mais variadas instituições do país servem como óbvio catalisador para a compreensão do impacto positivo a ser gerado diante de sua integração completa, principalmente diante da fragilidade da democratização do acesso à informação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. Os desafios da educação: aprender a caminhar sobre areias movediças. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 137, maio/ago.2009.

BRASIL. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014 - Marco civil da internet. Disponível em:https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em 10 mar.2024.

BRASIL. Lei 13. 979, de 06 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm#view. Acesso em: 15 de agosto. 2024;

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura V. 01: Sociedade em Rede. 14ª Reimpressão com novo Prefácio. Rio de Janeiro: Zahar, 2003-A.

CASTELLS, Manuel. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura V. 02: O Poder da Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003-B.

CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003-C.

DE MASI. O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Tradução de Yadyr A. Figueiredo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

DINIZ, Maria Helena. Prefácio. In: LUCCA, Newton de (coordenador). Direito & internet: aspectos jurídicos relevantes. Bauru: EDIPRO, 2000.

DOURADO, Wesley Adriano Martins. Paulo Freire: o projeto e os seus princípios. São Caetano do Sul: Instituto Conhecimento Liberta, 2022.

FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez; 1991.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. Paulo Freire em tempos de fake news: artigos e projetos de intervenção produzidos durante o curso da EaD Freiriana do Instituto Paulo Freire / Paulo Roberto Padilha, Janaina Abreu, organizadores. -- São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2019.

LYOTARD, J-J. (1984) The Post-Modern Condition: A Report on Knowledge Manchester: Manchester University Press.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez Editora, 1999, 14ª reimpressão.

MASI, Domenico de. O futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial. Milão: José Olympio, 2001.

MORIN, Edgar. É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus. Colaboração de Sabah Abquessalam. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro / Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOODLE. Acerca do Moodle. Disponível em: <https://docs.moodle.org/all/pt_br/Acerca_do_Moodle> Acesso em: 15 mai.2023.

PECK, Patricia. Direito digital. São Paulo: Saraiva, 2002.

SAVIANI, D. Escola e democracia. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

SERRANO, Pablo Jiménez. O direito à educação: fundamentos, dimensões e perspectivas da educação moderna. Rio de Janeiro: Jurismestre, 2017.